

Washburn – os 3 estágios da vida

Os três estágios da vida: Infância, Ego e Transcendência

Entrevista de Paul Bernstein com Michael Washburn

Eu decidi entrevistar Michael Washburn porque as perspectivas apresentadas em seus livros parecem muito úteis para pessoas que procuram e lutam com questões espirituais pessoais.

Washburn - um filósofo que integra psicologia com religião - afirma que quem nós normalmente pensamos que somos (nosso ego) é apenas uma parte de nossa experiência. A parte mais vasta que ele chama de Terreno Dinâmico, no qual ele une o que os outros chamam de inconsciente, nossos instintos, nossa libido, e as forças espirituais que nos inspiram. Em outras palavras, Washburn insiste que Jesus, Freud, Buda e até a alquimia medieval estavam nos oferecendo, a nós com egos de mente fechada, maneiras de expandir até o reino do inconsciente e do espírito - mesmo que esses pioneiros e seus seguidores possam não ter concordado entre si com as maneiras de expressar esse entendimento.

Além disso, Washburn quer que percebamos que dificilmente podemos evitar uma vida espiritual eventualmente, porque o ego causa sua própria miséria e desespero se permanecer fechado ao mundo inconsciente. A sempre comum "crise da meia-idade" está intimamente relacionada à "noite escura da alma". O que está acontecendo nesses casos, explica Washburn, é a abertura do ego para as forças para quais se fechou, em seu necessário estágio inicial de desenvolvimento.

Seu modelo nos mostra a gangorra ao longo da vida entre o solo dinâmico maior (chame Deus se você quiser) e o ego individual, que no nascimento está imerso confortavelmente no terreno maior, gradualmente desenvolve uma identidade do corpo como identidade separada, depois toma a mente como sua e, depois, como um adulto, esbarra em seus próprios limites ao identificar isso. Washburn ensina que o ego é bom o suficiente para operar no mundo tridimensional da matéria e no tempo unilinear, mas não pode, por si só, abranger o mundo da eternidade em que este mundo tridimensional está suspenso. Além disso, o ego em desenvolvimento, desde a infância até a idade adulta, envolve inevitavelmente traumas que mais tarde limitam sua flexibilidade para atingir o mundo tridimensional. No esforço de transcender esses limites (tornar-se mais eficaz em objetivos concretos, como trabalho e família), o ego encontra oportunidades de transcender a si próprio e abrir-se novamente para o Dynamic Ground. Essa é a experiência que os adultos chamamos transpessoal, transcendental ou espiritual. Vem do mesmo "lugar", diz Washburn, como a libido, nossos sonhos, nossos demônios, nossas neuroses - o que nossa cultura, nossa tradição e talvez as psicologias tenham rotulado enganosamente de reino "mais baixo" em vez de "mais elevado", "mais espiritual".

PB: Michael, você afirma, com mais força do que os psicólogos convencionais, que formar um ego forte não é suficiente para nós como adultos. Então, ao invés de considerar a busca das pessoas por um significado maior como um luxo, uma auto-absorção infantil ou um sinal de personalidade anormal, você diz que tal busca é normal. A estrada pode ser difícil e às vezes, confusa, mas é uma progressão normal, necessária. Por que você acha que isso acontece? E como você chegou a essa visão?

MW: Eu acho que há duas razões, e você tocou em uma delas. Os objetivos do desenvolvimento adulto, como a maioria de nós os persegue, anuncia mais do que entrega. Buscamos o curso de desenvolvimento da identidade do ego, buscamos relacionamentos, buscamos carreiras, buscamos realizações. E eu acho que implícito nessas atividades está a suposição de que, se estamos formos sucedido nisso tudo, então seremos realizados na vida. Intelectualmente, recuamos e dizemos: "Não, claro que não, não somos tão ingênuos". Mas eu acho que enquanto estamos envolvidos nesse tipo de projeto, realmente acreditamos que esse é o caso – e portanto, nos criamos condições para decepção e desilusão. Ao ter sucesso em nossos objetivos mundanos adultos, e descobrir que ainda estamos profundamente insatisfeitos e que o mundo de alguma forma não satisfaz algumas de nossas necessidades mais profundas, pode ser um ponto crítico de crise em nossa vida adulta. E, para alguns, pode ser muito grave, acredito, levando a uma sensação de falta de sentido existencial e alienação, levando a perguntas de "por quê?" e "o que mais?" Esses tipos de experiências tipicamente carregam consigo o início de uma fome espiritual real - por mais indefinida que seja. Esse é um ponto. Um segundo ponto - e aqui vou voltar para Jung - é que a primeira metade da vida é o período durante o qual desenvolvemos nossos egos e nos estabelecemos no mundo. Enquanto fazemos isso, normalmente temos um foco muito externo e, por esse motivo, voltamos as costas a alguns recursos essenciais da psique profunda (a que Jung se refere como o inconsciente coletivo). Entre esses recursos estão coisas como instintualidade, grande parte de nossos sentimentos afetivos ou emocionais, vida emocional, potenciais criativos e possibilidades espirituais. Então, nosso desenvolvimento durante a primeira metade da vida tende a ser um pouco unilateral. Se, mais tarde na vida, sofrermos uma profunda desilusão em nossa experiência do mundo, podemos nos voltar para recursos psíquicos que anteriormente tínhamos reprimido. Este é o começo do que chamei de "regressão a serviço da transcendência", que eu acho que a maioria das pessoas conheceria melhor usando o termo de João da Cruz, "a noite escura da alma". Pode ser um período muito longo e difícil. Para as pessoas que se encontram nessa passagem - como eu fiz há 20 anos - é útil que saiba que é uma passagem. É útil saber que perseverança e paciência são importantes, e que é hora de crescer na fé. Frequentemente pode não parecer fé, porque os velhos ídolos desapareceram e as velhas idéias sobre divindade caíram no caminho. Portanto, pode parecer uma perda de fé e uma perda na direção da vida em geral. Mas isso pode realmente ser um ponto de virada na fé, o início de um mistério, um movimento em direção a um "não sei o quê" que, embora angustiante, pode também ser o material real da experiência espiritual e de um relacionamento espiritual.

PB: Há um crescente reconhecimento e aceitação do que você está falando sobre algo que pode não abranger tudo - "crise espiritual" ou "emergência espiritual". Você escreveu seu segundo livro, "Transpersonal Psychology in Psychoanalytic Perspective", pelo menos em parte para adicionar esse entendimento aos psicoterapeutas convencionais, para que eles aprendam como ajudar pessoas que chegam até eles nesta fase crítica, e possam dar aos clientes muito mais do que recebem de psicólogos convencionais?

MW: Não tenho certeza de que essa era uma das minhas intenções, mas foi uma consequência gratificante de ambos os meus livros. Fui contactado por vários psicoterapeutas, alguns dos quais têm clientes que experimentam dificuldades com o despertar e transformação espiritual, dificuldades de fé. E eles me dizem que meus escritos têm sido úteis para que eles possam fornecer uma estrutura coerente e uma maneira de entender o que seus clientes podem estar enfrentando.

PB: Você acha que ainda há necessidade na psicologia profissional - e em nossa cultura em geral – de alertar as pessoas com antecedência, por assim dizer, antes mesmo de enfrentarem a crise, com o conhecimento de que é algo que eles deveriam esperar? E também ter ferramentas disponíveis quando as pessoas recorrem a psicólogos, padres e até mesmo a palestras no rádio - onde quer que as pessoas se voltem quando se sentem confusos e querem orientação? Parece-me que o que você escreveu seria muito eficaz para pessoas que leiam, mas a cultura geral e a profissão psicológica em geral podem ainda não estar agindo ainda com esse ponto de vista.

MW: Sim, acho que está certo. Eu acho que do ponto de vista do universo psicológico geral, do estabelecimento psiquiátrico, ainda existe uma patologização de qualquer coisa que tenha a ver com dificuldades ligadas à experiência religiosa. Estamos superando isso, tenho o prazer de dizer. Existe uma crescente compreensão que a passagem para a vida espiritual pode ser psicologicamente muito desafiadora, e que nós devemos esperar isso como uma ocorrência comum e aprender melhor a entendê-la para que possamos lidar com isso quando isso acontece. Acho que estamos em uma situação melhor no que diz respeito a essas possibilidades do que estivemos no passado. Mas ainda há um caminho a percorrer.

PB: Outra característica importante do seu trabalho é a sobreposição de diferentes psicologias e religiões. Você parece muito confortável com essa sobreposição, mesmo que muitos outros acadêmicos, filósofos, psicólogos e intelectuais pareçam relutantes em adotar uma variedade de perspectivas. Você parece capaz de encontrar experiências básicas comuns das quais essas diferentes tradições e abordagens surgiram. E também, você parece construir um idioma sem usar muitos termos novos, sem adicionar jargões, mas apenas ampliando e especificando termos comuns para que você coloque Freud e Jesus e alquimia, yoga e existencialismo, todos capazes de conversar entre si! Sem eles serem hostis!

MW: Sim, é um grupo muito estranho! Concordo. Sou filósofo de profissão e, apesar de ensinar história da filosofia ocidental, também ensino cursos de filosofia oriental. Então, meu interesse em filosofia realmente vai além de nossa própria herança cultural e histórica. Quanto à religião, eu tenho um profundo respeito por todas as tradições religiosas sem ser membro de nenhuma delas. Por esse motivo, não sinto que tenha violado nenhuma fronteira sectária. Eu simplesmente aprecio todas as religiões sobre as quais tenho algum conhecimento. Para mim, seguindo um processo multidisciplinar, o curso multicultural de estudos tem sido muito enriquecedor para meu próprio entendimento.

PB: Houve um tempo - talvez quando você era adolescente ou um pouco mais tarde - quando você primeiro saiu de qualquer religião em que você foi originalmente criado? Ou você foi criado sem nenhuma religião ?

MW: Bem, eu nasci em Provo, Utah. Os antecedentes de minha família são a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (os Mórmons). Mas eu realmente não fui criado dentro desse grupo e fé. Em vez disso, eu fui criado com um respeito pela religião sem a exigência de religião. Devo dizer que estou satisfeito com isso, porque me deixou curioso sem estreitar a minha visão.

PB: Apesar de sua abertura a muitas religiões, você rejeita o conceito de "Pecado Original" e argumenta em vez disso, entender a "queda da graça" da humanidade através do seu termo "Repressão Original". Você pode explicar isso?

MW: Meu pensamento sobre essas ideias começou porque eu estava insatisfeito com os dois principais motivos frequentemente dados pelo que poderia ser chamado de condição alienada ou não iluminada da humanidade oriental. As religiões tendem a dizer que nossa "ignorância" é a causa de nossa condição alienada ou não iluminada, enquanto muitas formas ocidentais de espiritualidade dizem que a causa é o pecado. Não achei nenhum argumento atraente ou persuasivo. Por exemplo, no Zen, outras formas de budismo, e no hinduísmo, nos dizem que somos já "sem mente", "nirvana" ou "atman", e tudo o que precisamos fazer é simplesmente despertar para o que já está. Então, meu pensamento foi: "Puxa, o que eu preciso fazer comigo mesmo? Como faço para transformar Eu mesmo? Que práticas eu pratico?" E me disseram, especialmente por pessoas como Krishnamurti (que representa essa visão em sua apresentação mais estrita), "Não há nada a fazer. Simplesmente Veja. Seja quem você já é. Desperte e coincida com sua condição já iluminada." Por alguma razão, eu simplesmente não podia me beneficiar ou aprender com esse ponto de vista. Parecia simples demais e sugeria uma solução fácil demais para uma situação de gravidade e dificuldade muito maiores. Mas quando me voltei para a principal resposta do Ocidente, a saber, Sin, parecia que também não fazia sentido. A solução parecia muito dura. Na história bíblica de Adão e Eva, nos é dito, pelo menos alegoricamente, mitologicamente, que nossos ancestrais mais remotos cometeram um pecado; eles se afastaram do sagrado. E porque eles fizeram isso (pelo menos algumas das tradições dizem) esse pecado é re-perpetrado com cada geração seguinte. Eles nos ensinam que somos inerentemente culpados em nossa existência. Para superar a alienação e alcançar algum tipo de realização, totalidade e iluminação, será mais difícil do que o necessário. Então, eu estava descontente com as duas visões tradicionais e esperava que houvesse algum meio termo.

MW: O que é verdade na noção tradicional de "Pecado Original" é que estamos predispostos a dar as costas - ou reprimir (colocando psicodinamicamente) - ao sagrado dentro de nós. Eu acredito que isso acontece muito cedo na história do desenvolvimento individual, da mesma forma que os símbolos bíblicos sugerem que isso aconteceu muito cedo na história da humanidade.

Quando se é muito jovem, o ego emergente se vê atraído pelo Solo Dinâmico e terrivelmente dependente disso. Essa relação se reflete na dependência externa da criança pequena com a mãe como fonte primária de amor e fonte primária de frustração quando a criança não é alimentada, mantida ou cuidada. Para alcançar alguma medida de Independência dessas experiências prodigiosas e impressionantes, o ego jovem procura inevitavelmente se separar. Faz isso reduzindo muito a sua intimidade interpessoal com a mãe (ou cuidador primário) e sua aceitação dos fluxos internos de sentimento que eu chamo de Ground Dinâmico. Cria uma repressão primária (ou original). A repressão não é pecado quando cometida nessa idade. É uma parte necessária do desenvolvimento do ego. Acrescenta algo positivo ao nosso desenvolvimento geral. Dá ao ego um espaço independente para crescer. Não é crime, é uma necessidade de desenvolvimento.

PB: No entanto, você também diz que a continuação dessa repressão na idade adulta pode levar a comportamentos que as pessoas possam mais compreensivelmente chamar pecado ou mal?

MW: Sim, embora essas ainda sejam palavras extremamente severas e eu prefira outros termos. Embora a repressão não seja um pecado a princípio, seja uma infraestrutura necessária para o desenvolvimento do ego, chega um momento em que, como adultos, nosso ego é maduro, forte e não precisa mais ser separado do poder espiritual da alma. Portanto, é

capaz de reabrir-se ao que chamo de poder do Terreno Sagrado. Mas em alguns de nós, o ego se apega à sua separação. E se o ego não reunir coragem para se reabrir, para liberar os laços da repressão original, assume um caráter diferente. Não é mais um ego que precisa da proteção da Repressão Original para seu próprio crescimento, mas agora é um ego que usa a repressão como proteção contra seu crescimento. Eu acho que é quando começamos a experimentar profunda alienação. Isso é pecado? Ainda é uma palavra muito dura, mas agora estamos de alguma forma obstruindo e retardando as possibilidades de nossa própria transcendência e crescimento espiritual.

PB: E talvez a relutância do ego maduro em se relacionar de outra maneira com o que as pessoas chamam de pecado. Quando um adulto evita repetidamente certas experiências por causa de traumas estabelecidos durante a infância, ele pode acabar cometendo comportamentos que normalmente são chamados de pecados. Ele pode se encontrar enganando a si e aos outros. Ele pode se ver agindo por covardia em vez de coragem. No entanto, do seu ponto de vista, ainda não estamos dizendo que ele é uma pessoa má. Estamos dizendo que seu ego, ao não se reabrir ao Terreno Dinâmico, não pode tomar consciência das memórias infantis trancadas no inconsciente e, portanto, não podem se libertar de suas garras. Pode-se pensar em exemplos de egoísmo, domínio de outros ou uma categoria inteira de comportamentos chamados pecado que - quando se olha para as motivações psicológicas da pessoa - provém do medo do que essa pessoa espera ser o mesmo tipo de experiência dolorosa que tiveram como trauma, quando criança. Como resultado, causa danos a si mesmos e aos outros. E é aí que a sociedade e as tradições morais que não estão necessariamente de olho no Dynamic Ground, talvez apareçam e simplesmente os julguem, dizendo "Vemos algum dano acontecendo aqui, isso é um ato ruim, é uma pessoa cometendo um pecado." Veja bem, uma das maneiras pelas quais reformulo levemente sua estrutura de pensamento, é dizer que *expandir-se além das limitações do ego* é a principal necessidade de desenvolvimento de uma pessoa. E quando eles estão abertos a recursos espirituais como forma de fazer isso, eles têm mais sucesso. O problema não é o ego em si, mas suas limitações, que eram defesas efetivas na vida jovem, mas que agora confina a pessoa. Transcender essas limitações se torna a necessidade, então a transcendência, incluindo a transcendência espiritual, torna-se o programa necessário.

MW: Eu concordo totalmente com isso. O ego é chamado a entregar-se, expandir, e isso requer, na expressão de Tillich "a coragem para SER ". O ego está agora pronto para enfrentar uma gama maior de realidades e recursos e potencialidades e relacionamentos - se ao menos tiver coragem de fazê-lo. No entanto, nem sempre acha coragem. Então, às vezes, ele se retira para um eu menor, um eu anterior, uma rotina anterior. E freqüentemente em retirada, ele também se retira para um comportamento perverso. É menor do que poderia ter sido, e age de maneira menos do que poderia. Então, em certo sentido, está cometendo um pecado contra sua própria possibilidade de construir um Self. E, portanto, contra o maior relacionamento possível com outras pessoas.

PB: E contra seu próprio potencial de se sentir mais em paz no mundo. Porque mantém estes medos como "roupas", que podem ser usadas na próxima experiência que pensam estar relacionada a isso, que então seria outra experiência assustadora.

MW: Absolutamente. Eu não poderia concordar mais.

Os tres estágios da vida: Infância, Ego e Transcendência

PARTE DOIS:

PB: Você descreve a condição humana como uma interação entre nosso eu individual como ego (o que pensamos que somos) e um reino maior de forças vitais, espirituais e muitas vezes inconscientes que você chama o "Terreno dinâmico". Como você chegou a esse termo "Dynamic Ground" e o que ele inclui?

MW: Na verdade, levei dez anos para escrever o livro, *The Ego and the Dynamic Ground*, e eu não me veio o título até quase o final. Fiquei satisfeito quando o conceito e o título finalmente se encaixaram. Eu uso a palavra "Ground" para me referir diretamente à base ou sede subjacente da psique. O Ground é a fonte fundamental de potenciais psíquicos espontaneamente ativos, incluindo coisas como impulsos instintivos, sentimentos e até mesmo nossa criatividade, cognição imagética e intuitiva. E porque esse lugar ou fonte de nossa vida psíquica não é estático, mas está vivo e espontaneamente ativo, eu chamo de Ground Dinâmico. O solo é a fonte fundamental de ativos espontaneamente ativos potenciais psíquicos, incluindo coisas como impulsos instintivos, sentimentos e até mesmo nossa criatividade, cognição imaginal e intuitiva. E porque esse lugar ou fonte de nossa vida psíquica não é estático, mas está vivo e espontaneamente ativo, eu chamo de Terra Dinâmica. Entendo o solo também como fonte de energia, com isso quero dizer não apenas libido instintiva ou energia psíquica, mas também poder espiritual. É minha opinião, portanto, que nossa vida psíquica não é dividida em dois tipos antitéticos de poderes, libido e espírito, em guerra entre si, mas que basicamente, existe um único poder que pode se expressar em nossa sexualidade ou instintividade – e também livre e plenamente em nossa vida espiritual.

PB: Agora isso é um pouco surpreendente. A maioria das tradições vê essas duas forças opostas - o "id" versus o "superego", o profano versus o sagrado, "forças demoníacas" versus "angelical". O que levou você a não querer manter essas coisas separadas, a rejeitar o dualismo tradicional?

MW: Essa é uma pergunta extremamente importante. Existem tradições gnósticas e dualistas que parecem na religião basicamente como um caso sobrenatural e consideram a instintividade por um lado e espiritualidade, por outro lado, como estando em conflito. Eles assumem que ambos os poderes disputam a lealdade do ego e sua vontade. Essa não é uma imagem da psique e seu movimento em direção à espiritualidade que eu acho muito integral ou holístico. Eu prefiro uma visão que vê espiritualidade e personificação, espiritualidade e sexualidade, como estando à vontade um com o outro. E eu vejo a espiritualidade realizada como espiritualidade acima de tudo no corpo, com o corpo como o templo do poder espiritual. Nossa vida sexual, robusta e saudável, está inteiramente em harmonia com funcionamento nosso espiritual para com os outros, em generosidade de coração.

PB:¹ **Você sempre coloca o termo "Dynamic Ground" em letras maiúsculas. Isso significa que inclui - ou significa - Deus?**

¹ Grifo da tradutora

MW: Poderia ser, mas eu não sei. Realmente não sei quais são as fontes de nossa vida espiritual. Pode muito bem ser o que chamo de poder da Terra, que experimentamos no contexto de nossa própria psique, e tem sua fonte última além da psique. O poder do solo pode, de fato, ser o espírito de Deus, como o experimentamos na intimidade da alma e dentro da intimidade de nossos relacionamentos com outras pessoas. Mas não sei se ele se origina fora da psique. Suspendo o julgamento sobre sua fonte final, porque um julgamento sobre isso não é necessário, no que diz respeito à posição teórica que estou tentando formular.

PB: Em um de seus livros, você tem um gráfico que mostra essa surpreendente gama de experiência do Solo Dinâmico - desde o ID humilde até Deus, por assim dizer - como nós crescemos desde a infância até a velhice. Quero apresentar esse gráfico aqui de forma simplificada para que possamos rastrear o ciclo de vida humana com nossos leitores.

MW:

Bem, Paul, essa é uma sugestão bastante ambiciosa. Isso poderia levar a um processo muito técnico e a uma resposta complicada da minha parte, e eu poderia acabar confundindo a mim e a todos os outros! Mas deixe ver se consigo dizer algumas coisas sobre os principais pontos de virada da vida. Eu acredito que o poder do solo dinâmico - o próprio material de espiritualidade que emerge em nossa alma, mesmo que seja a origem última, está além da nossa alma - se manifesta através da nossa vida de várias maneiras que são, no entanto, coerentes.

Como experienciamos o Ground Dinâmico ao longo da Vida

IDADE	NOSSA EXPERIÊNCIA DO DYNAMIC GROUND	A SITUAÇÃO DO EGO
Antes do nascimento	Útero / Universo	Fundido
Bebê	Grande Mãe	“Ego corpo” emerge, sem resistência ao Ground
Toddler	Mãe boa & Mãe terrível	Intensa ambivalência
Infância, Latência	O Inconsciente, fonte dos sonhos; momentos ocasionais de encantamento alternando com imaginações assustadoras.	“Ego Mental” agora existe, se sente separado, mas carente. Isola incidentes traumáticos da memória consciente.
Adolescência e idade Adulta	Impulsos sexuais, êxtase do orgasmo. “Experiências de Pico” ocasionais em atividades estéticas e atléticas, e em relações íntimas.	O Ego obtém domínio das atividades externas: habilidades físicas, sociais e de trabalho. O Ego se identifica com seus pensamentos; permanece bastante alienado do auto-conhecimento emocional.
Crise da meia idade “A Noite Negra da Alma”	Incurções de medos anteriormente reprimidos, ambições, impulsos transportadores	Alienação se torna intolerável. Certezas antigas dão lugar a fortes dúvidas. Identidade enfraquece. Repressão Original flexibiliza; ego se sente assaltado.
Regeneração no Espírito	Ground parece cada vez mais atraente como fonte do sagrado, de conforto e guia.	Ego capaz de discernir e utilizar impulsos do Ground, e confiar neles.
Integração	Forte voz intuitiva ou visões. Sentimentos de unidade com o cosmos, natureza e humanidade.	Ego se subordina ao Ground; “sintonizado com a própria voz interna”. Ego tem escolha, mas conhece que o custo de resistir e ignorar o Ground seria fazer mal a si mesmo ou um desperdício.

MW: No começo da vida, considero que a criança está inserida no Ground Dinâmico, e está muito absorvida em seu poder numinoso. O bebê dificilmente consegue distinguir entre sentimentos que surgem de dentro de seu próprio corpo e sentimentos que surgem de sua interação com a mãe (ou quem é o cuidador principal). Mas após alguns meses de experiência, o bebê começa a descobrir que algumas coisas estão conectadas ao seu corpo (como dedos das mãos e pés) e outras coisas não são (como o peito da mãe e as barras do berço). A criança começa a localizar um limite entre o seu EU físico e o resto do mundo e com isso começa o surgimento do nosso " Ego Corpo", nossa divisão do mundo em "eu" e "outro". No entanto, esse eu e o outro ainda estão calorosamente contidos em um íntimo relacionamento da criança com o cuidador. O bebê ainda experimenta o objeto externo (a mãe ou outro cuidador principal) junto com um correlato interno, uma espécie de útero interno junto com o útero externo. Além de apreciar o abraço e a nutrição do cuidador externo, ainda nos sentimos imersos no interior do nosso ser. Então, como explicaram os teóricos das relações objetivas psicanalíticas, o bebê começa a perceber quão agudamente sua segurança e bem-estar dependem das ações do cuidador e se encontra no que pode ser chamado de um apego ambivalente de aproximação-avoidância com o cuidador. Por um lado, o bebê se dedica a explorar o mundo e desfrutar de sua independência como um ser separado (ego). Por outro lado, ainda quer uma deliciosa intimidade com o cuidador. Essa ambivalência - querer ser independente e se fundir com a mesma mãe - torna-se intolerável, então a criança decide que existem duas mães, a "Boa Mãe" e a "Mãe terrível".

PB: Pode-se dizer que a Boa Mãe é a imagem que o bebê cria em sua mente quando a mãe de verdade o abraça com amor quando ele quer, e permite que ele se mova independentemente quando ele quer. E a Mãe Terrível é a imagem que o bebê cria quando a mãe real o ignora ou quando ela o restringe?

MW: Sim. E porque o relacionamento entre a criança e seu cuidador principal é experimentado ao mesmo tempo internamente como um relacionamento entre o ego e o Ground Interior, essa dimensão profunda da experiência também se divide dramaticamente em dois lados, claro e escuro. No entanto, tal divisão se torna intolerável para o ego - por isso ignora ou reprime seu núcleo interno de divisão, perpetra o primeiro "ato original" de repressão. Essa repressão, em contrapartida, desempenha um papel positivo para o desenvolvimento futuro da criança. O ego se torna viável. Não está mais preso em um Mundo maniqueísta do bem contra o mal. Agora tem terreno firme e ar limpo; pode se desenvolver nas condições mais pacíficas da latência.

PB: Mas essa separação da ansiedade de sua dependência é conquistada a um certo custo?

MW: Sim. Fazer a passagem de que estou falando envolve sérias perdas; não apenas a perda de intimidade nos relacionamentos, mas também a perda de contato com os recursos espirituais internos. Os dois vão de mãos dadas. Portanto, se nunca mais estaremos tão abertos a possibilidades interpessoais após a repressão, também nunca mais estaremos abertos a nossos recursos espirituais internos. Pode-se dizer que a Boa Mãe é a imagem que o bebê cria em sua mente quando a mãe de verdade o abraça com amor

quando ele quer, e permite que ele se mova independentemente quando ele quer. E a Mãe Terrível é a imagem que o bebê cria quando a mãe real o ignora ou quando ela o restringe?

MW: Sim. E porque o relacionamento entre a criança e seu cuidador principal é experimentado ao mesmo tempo internamente como um relacionamento entre o ego e o Ground interior, essa dimensão profunda da experiência também se divide dramaticamente em dois lados, claro e escuro. No entanto, a divisão se torna intolerável para o ego - por isso ignora ou reprime seu núcleo interno de divisão, perpetrando o primeiro ou "ato original" de repressão. Essa repressão, em contrapartida, desempenha um papel positivo para o desenvolvimento futuro da criança. O ego se torna viável. Não está mais preso em um mundo maniqueísta do bem contra o mal. Agora tem terreno firme e ar limpo; pode se desenvolver com as condições pacíficas da latência.

PB: Mas essa separação da ansiedade de sua dependência é conquistada a um certo custo?

MW: Sim. Fazer a passagem de que estou falando envolve sérias perdas; não apenas a perda de intimidade nos relacionamentos, mas também a perda de contato com os recursos espirituais internos. Os dois vão de mãos dadas. Portanto, se nunca mais estamos tão abertos a possibilidades interpessoais após o repressão, também nunca mais estamos abertos a nossos recursos espirituais internos.

PB: E o que acontece depois da "repressão original"?

MW: Após a repressão, a energia do Dynamic Ground fica inativa na maior parte do tempo. O "ato original" - ou como agora prefiro chamá-lo, seguindo Freud, a repressão "primordial" - submete o Dynamic Ground ao poder do "inconsciente". Talvez seja re-experimentado em nossa vida de sonho à noite - que tem um aspecto numinoso e poderoso. Caso contrário, eu acho - e isso é para falar numa maneira psicanalítica antiquada - o poder do Ground é reduzido a uma latente organização instintiva. Durante o período de latência, o poder do Ground está inativo. Não quero dizer que ficou completamente inativo, porque o poder do Ground ainda está ativo em forma reduzida como energia psíquica. Além disso, temos experiências de pico; existem ainda episódios de se deixar transportar pela criatividade. Ou ainda vivemos momentos de reverência numinosa. Mas essas experiências tendem a ser raras - elas tendem a ser apenas isso, experiências de "pico". Em grande parte, olhamos para as maravilhas da infância com nostalgia, como se algo profundo tivesse se perdido ao longo do caminho. Então, durante a puberdade, a sexualidade é despertada e, embora provavelmente não seja aceitável para muitos, eu me pergunto se o êxtase do orgasmo sexual não é, de maneira muito limitada, uma maneira pela qual nós, como pós-adolescentes e adultos, começamos a experimentar novamente o poder do Dynamic Ground .

PB: Sim. É bastante claro que o momento do orgasmo é uma liberação do aprisionamento dentro do ego e uma reabertura para o eterno, e para as energias de transporte e união. Mas imediatamente após esse momento, as pessoas tendem a recuar às pressas para seus egos. A questão clichê de dois amantes na cama, "Isso foi bom para você?", é uma pergunta formulada pelo ego, não uma expressão

de estar aqui agora! Então, você diria que, para os adultos, acabar com a solidão que sentem do confinamento dentro dos limites outrora seguros do ego, arriscando a intimidade com outra pessoa, significa forçar a abertura àqueles portões da repressão primária? E é por isso que é tão difícil para as pessoas sustentar a intimidade e por que, no processo de tentar fazer um relacionamento funcionar, eles geralmente precisam passar por um processo psicoterapêutico? Parece que chegar a outras pessoas com honestidade íntima frequentemente requer desfazer a repressão precoce. E fazer isso pode ser tão assustador e difícil que buscamos a terapia para ajudar e nos guiar. Os limites defendidos que antes nos protegiam quando crianças, agora nos restringem como adultos. E os adultos que optam por não ultrapassar esses limites que observamos como rígidos, permanece infeliz, confinado.

MW: Um ponto excelente. Isso é realmente uma implicação. A profunda intimidade interpessoal está na abertura psicodinâmica profunda ao mesmo tempo. E ambos são considerados ameaçadores, infelizmente, por mais que desejemos.

PB: Isso também pode explicar por que muitas tradições espirituais consideram útil liderar alguém através da reabertura da repressão primordial, estabelecendo um ambiente caloroso, confiante, pessoal, num relacionamento íntimo, seja nos ensinamentos das religiões como o hinduísmo e o zen com seus gurus e mestres *sensei*, ou em algumas formas de cristianismo, onde o primeiro passo esperado de alguém é desenvolver um relacionamento pessoal com Jesus - para não pensar nele como todo o Campo Dinâmico, para falar, todo o Deus universal, mas como outra pessoa, para obter um sentimento confiante de intimidade na sua vida espiritual interna.

MW: Sim, eu concordo inteiramente.

As 3 etapas da vida: Infância, Ego e Transcendência

Parte Três - Aplicando este ponto de vista

PB: Se o próprio fato de crescer e construir egos seguros nos leva a nos separar dos recursos espirituais e das verdades pessoais do Dynamic Ground, não há como permanecer aberto ao Dynamic Ground durante o processo de crescimento? Talvez os pais pudessem fazer algo ao longo do caminho, de modo que, quando seus filhos atingissem a idade adulta, a tarefa de reabrir ao Dynamic Ground seria menos árdua? Ou, em outras palavras, você pode nos dizer como uma criança, adolescente ou adulto jovem deve construir seu ego antes que eles possam se beneficiar se abrindo - ou antes, que seu ego esteja pronto para se abrir - novamente para o Dynamic Ground? Lembro-me de quão importante é esse problema sempre que ouço artistas ou curandeiros talentosos cujas habilidades eram claramente aparentes quando eram crianças, mas que estavam desanimadas ou mesmo eram punidas por exibir essas habilidades, por seus pais medrosos ou

bem-intencionados. Então as crianças reprimiam essas habilidades. Décadas depois, quando adultos, eles se encontraram com um amigo ou dois que tinham a mesma habilidade, e eles se permitiram voltar. Haveria uma maneira de manter aberto essa conexão entre o ego e o Dynamic Ground se os adultos ao redor de uma criança em desenvolvimento tivessem eles já integrado e entendido tudo isso? Ou o ego deve em seu próprio desenvolvimento criar limites tão seguros e uma repressão séria e eficaz que apenas incidentes dolorosos mais tarde na vida pode abri-lo?

MW: Eu tenho duas respostas para esta pergunta. Primeiro, acho que algumas pessoas reprimem o Dynamic Ground e os recursos criativos da psique profunda menos severamente do que o resto de nós. Por várias razões de desenvolvimento e parentalidade (que abordarei daqui a pouco), essas pessoas permaneceram capazes de acessar o inconsciente profundo, mesmo enquanto eles se concentram no desenvolvimento do ego, estabelecendo-se no mundo. Para eles, como no exemplo que você citou, há momentos e períodos, experiências de pico, certos dons psíquicos ou graças espirituais, que eles experimentam ao longo de suas vidas. Eles não têm um grande despertar pontual mais tarde na meia-idade, como outros podem ter.

PB: Mas às vezes parece que não importa quanto uma pessoa tenha criada num ambiente espiritual, a vontade do ego de se estabelecer se rebelará contra qualquer prática que lche seja oferecida por pessoas mais velhas bem intencionadas. Todos nós podemos lembrar casos em que a criança ou adolescente considera a tradição espiritual que lhes é oferecida pela geração mais velha como repulsiva e não libertadora. Eu me pergunto se existe um tipo de limiar mínimo de fechamento pelo ego para o Dynamic Ground. Isso parece se manifestar em QUALQUER pessoa. Estou procurando aqui quase uma resposta quantitativa: se o ego não precisa fechar sua fronteira circular 360 graus para se isolar do Dynamic Ground, então quanto ele precisa fechar em cada um de nós? Por exemplo, apenas ontem eu estava conversando com uma mulher que tentara, quando criança, obedecer sua "voz interior" e não seguir o caminho materialista que seus pais queriam. Quando adulta, ela tentou servir aos outros e confiar em sua sintonia com seu inconsciente. Isso ajudou a organização que a empregava - mas ela encontrou uma crise ética lá e ainda teve que abandonar todo o ego que ela havia construído nesse sentido, a fim de criar uma vida muito mais pacífica e gratificante. Então parece que não há como escapar disso.

MW: Bem, eu temo que isso possa ser verdade. Claramente, pais fortes e amorosos do começo ao fim são a melhor possibilidade de enfrentarmos as dificuldades do desenvolvimento do ego de modo a não nos separar de nossos recursos espirituais. No entanto, acho que para a grande maioria de nós, nós perdemos contato. E, portanto, é realmente difícil dizer que conselho deve ser dado aos pais - meu conselho seria, por um lado, extremamente abstrato e, por outro, muito específico! No lado abstrato, eu levaria o conselho de D.W. Winnicott no coração e diria que deveríamos esforçar-nos para não ser pais perfeitos, mas para ser pais "bons o suficiente", respeitando as necessidades de desenvolvimento de nossos filhos em cada estágio. Nos primeiros dois anos, os dois principais programas de desenvolvimento são as necessidades de consolidação do vínculo de amor e incentivar o movimento da criança em direção à separação e individuação. E esses dois não são opostos. O vínculo do amor é a base para uma separação e individuação saudáveis da criança. Então, durante o que nós chamados anos de latência, talvez dos 6 aos 12 ou 13 anos,

ser pais bons o suficiente, significa novamente suprir duas necessidades simultâneas: educação e brincadeira. Nós precisamos dar a nossos filhos a melhor educação primária possível que pudermos, sem, ao mesmo tempo, tornar suas vidas excessivamente disciplinadas e permitindo-lhes - encorajando - amplas oportunidades para exploração e jogo. Mudando para a adolescência, um momento muito desafiador para crianças e pais – falo com alguma experiência –

PB: Você tem adolescentes em casa?

MW: Bem, eu tive, no passado. Minhas três filhas são agora adultos maravilhosos, pois eram crianças maravilhosas então. Como adolescentes, porém, apresentaram desafios especiais, pois todos adolescentes o fazem. Na adolescência, as duas necessidades de desenvolvimento para os pais atender são respeito sincero pela experimentação da identidade de seus filhos e suas lutas pela independência, e equilibrando isso com o estabelecimento de limites consistentes e expectativas realistas. E, finalmente, quando seus filhos estiverem prontos para deixar de ser seus filhos e prontos para tornarem-se adultos escolhendo seu próprio outro primário (não mais seus pais), e talvez para ingressar em uma carreira que os estabelecerá de forma independente no mundo, precisamos simplesmente deixá-los ir como nossos filhos, e começar a apreciá-los como nossos amigos adultos. Isso é muito abstrato, eu percebo, mas não vejo como podemos fazer melhor pelos nossos filhos do que atendendo às suas necessidades de desenvolvimento em cada estágio. Porque isso, eu sinto, fortalece seus egos e personalidades, mantendo suas opções em aberto, suas opções espirituais e suas opções de vida prática. Agora, a esse respeito, tenho um conselho específico. Parece-me que os pais não deveriam ficar muito impacientes se seus filhos não compartilharem sua forma particular de espiritualidade. Claramente, a espiritualidade precisa crescer de dentro para fora. E às vezes isso simplesmente não acontecerá até que a agenda da adolescência e do início da idade adulta tenha sido concluída. Os pais têm a responsabilidade de apresentar seus filhos à religião. Mas acho que quase sempre é um erro impor-lhes opressivamente.

PB: Uma coisa que também me parece importante é seja oferecida às crianças desde uma idade bastante jovem, ajuda para expressar suas experiências mais dolorosas e mais amedrontadoras - a abreação é o termo técnico. Mas os pais costumam ficar incomodados ao ouvir seu filho expressar raiva ou outras emoções, assim esses pais se colocam na defensiva. No entanto, a criança (e certamente o indivíduo quando ela envelhece) precisa saber não reprimir esse processo de cura, ou ela ficará aleijada. Você encontrou maneiras de facilitar isso durante sua própria parentalidade? Ou você acha que é melhor limitar-se ao meio psicoterapêutico?

MW: Eu acho que aponta para uma dimensão extremamente importante da relação pai-filho: comunicações abertas, não apenas sobre ideias e interesses, mas também sobre sentimentos. Sentimentos feridos são frequentemente muito difíceis de expressar. Especialmente se o pai é visto como a causa da lesão, é muito difícil que esses sentimentos sejam expressos sem que os pais se tornem defensivos, como você indicou. Apesar que as coisas sobre as quais escrevi não se referem especificamente a esse assunto, parece uma área muito importante, talvez uma das áreas mais importantes, para pais saudáveis.

PB: Deixe-me passar para o que os praticantes religiosos - ministros, rabinos, pastores - podem ganhar ao compreender a dinâmica psicológica envolvida em uma pessoa que chega até eles com necessidades emocionais, talvez até com uma crise espiritual, porque, novamente, esses dois mundos são frequentemente mantidos separados em nossa cultura. O mundo religioso não entra muito no psicológico, enquanto os psicólogos podem ter medo de se envolver em conversas que possam incentivar seus pacientes para categorias espirituais "de experiência". No entanto, você argumentou tão bem que esses são um e o mesmo, ou pelo menos que a sobreposição é tão grande, que, independentemente da instituição ou autoridade para a qual Joe ou Jane comum se volta, seja uma clínica psicológica ou conselheiro espiritual, parece que eles estariam muito melhor servidos se o praticante que os recebesse apreciasse essa sobreposição. Como você imagina que isso pode acontecer? - que ministros, pastores, rabinos possam se beneficiar compreendendo que o ego do cliente está se abrindo para o Dynamic Ground, em vez de restringir sua compreensão a categorias religiosas tradicionais que, afinal, provêm de milênios atrás, quando o fundador religioso (Jesus, Buda, Moisés ou Maomé) não usam o vocabulário da nossa psicologia moderna?

MW: Paul, este é um assunto muito importante. Eu sinto que seria útil se líderes religiosos demonstrassem maior respeito por outras tradições espirituais, como expressões da relação humana com o Divino, e se ministros, rabinos e pastores tivessem uma melhor compreensão das bases místicas da religião e uma melhor compreensão da psicologia da experiência religiosa, tanto em êxtase como em seus lados sombrios, seus arrebatamentos espirituais e suas noites escuras. Se o fizessem, haveria provavelmente um grupo significativo entre suas congregações, a quem eles seriam mais capazes de entender e orientar. Então, podemos e devemos avançar nessas direções. Espero que seja algo que vai acontecer, ainda mais do que já aconteceu.

PB: É claro que existe o domínio chamado "aconselhamento pastoral", que busca combinar ideias da psicologia com os princípios da religião. As pessoas passam anos sendo treinadas na profissão. Não seria o local perfeito para aplicar sua estrutura? Suponho que se eu tivesse uma bandeira para levar adiante essa questão, eu levaria para eles primeiro !

MW: Bem, talvez isso esteja acontecendo em seminários e outros lugares desse tipo. Mas eu não estou em posição de saber. Espero que sim.

PB: Para passar para outra área onde acho que seu ponto de vista se aplica, o campo da saúde física e medicina. Uma das maneiras pelas quais nossa cultura pública materialista, racionalista - acho que poderíamos dizer egodominada ou centrada no ego - a cultura pública começou a relaxar sua relutância em aceitar como fatos reais na área da medicina, porque evidências estão se acumulando sobre experiências espirituais levando à cura nos casos em que a medicina física já havia desistido. Para mim, os casos onde as curas mente/corpo mais se sobrepõem ao seu trabalho, são certos casos de HIV/AIDS e pacientes com câncer. Eles descrevem uma mudança em sua identidade, do que você chama de ego corporal e ego mental, para se identificar como espírito, apenas habitando um corpo doente. Eles perdem o medo da morte, e seu

corpo responde de maneira diferente depois de terem essa epifania. Seu sistema imunológico começa a se recuperar e combater efetivamente o HIV ou as células cancerígenas. Curiosamente, esses pacientes geralmente descrevem sua transformação de identidade como não apenas uma transformação do Self, mas de células. Dizem que cada célula em seu corpo foi infundida com sua nova consciência e com um novo nível de energia. Eles não possuem o vocabulário sofisticado da psicologia profissional, mas descrevem uma transformação que ocorre após um árduo abandono de muitas de suas defesas do ego. Em alguns casos, isso foi realizado através do confronto com o subconsciente em sonhos; em outros casos, através da meditação ou oração.

MW: Eu ficaria feliz em ouvir sobre essas histórias. Todo o florescente campo da medicina complementar, holística ou integradora é extremamente importante. Parece tão evidente que nosso estilo de vida, nossas atitudes e nossos relacionamentos com o sagrado são essenciais não apenas para nossa saúde psíquica, mas para a saúde física. E eu acho que você focou no ponto exato onde meu trabalho se aplicaria ou teria implicações. Existem energias adormecidas no corpo, não apenas energias instintivas, mas espirituais, residentes no Solo Dinâmico, que podem ser despertadas, assim como você descreve que ocorreu com esses pacientes. Então eles percebem: "Bem, eu não sou mais apenas o meu eu anterior, ligado ao ego, emoldurado por uma identidade. Estou agora no contexto de uma vida espiritual maior. E essa vida espiritual maior é concreta; está em mim. Está no meu corpo; se move através do meu corpo. Isso anima meu corpo. "Isso me parece um ponto muito importante: que somos mais saudáveis e mais íntegros quando percebemos que nossa vida física e nossa vida espiritual andam de mãos dadas". Quando nossa vida espiritual é despertada, não apenas em uma postura de fé, mas quando é despertada como uma força animadora e orientadora dentro de nossos corpos, palpavelmente.

PB: Seria empolgante buscar essa área de pesquisa. Em termos de sua própria pesquisa, ou áreas de incerteza que você deseja buscar, ao desenvolver essa estrutura, o que está explorando agora? O que você pode escrever no futuro - qual assunto, quais pontos mais intrigam você?

MW: Atualmente, estou trabalhando em um livro, cujo título é Espiritualidade Incorporada em um Mundo Sagrado. Neste livro, defendo o caráter sensorialmente corporificado e mundano da espiritualidade madura. Eu concordo com Nietzsche que grande parte da religião, infelizmente, é hostil ao corpo e ao Dynamic Ground. E, portanto, defendo a visão de que a espiritualidade, em última análise, não leva a algum outro reino, descorporificado, mas sim a esta mesma terra e às nossas vidas corporificadas na terra. O sagrado é sensualmente encarnado, eu acredito. Está aqui e agora.

PB: Bem, certamente espero ler isso.

MW: Obrigado.

Tradução: Odila Weigand

Copyright (c) 1998 by Paul Bernstein and Online Noetic Network.

[Editor's Note: Michael Washburn's first book is *The Ego and the Dynamic Ground*. A transpersonal theory of Human Development (1995), and his second, *Transpersonal Psychology in Psychoanalytic Perspective*. Both are published by the State University of New York Press, Albany, NY 12246.]